

O Presente do Viking

Anna Markland

O Presente do Viking

Anna Markland



Nota

O cenário *do Presente do Viking* é baseado em fatos históricos.

O rei Harthacanute ordenou a destruição da próspera cidade mercantil de Worcester e a matança de todos os seus habitantes em retaliação pelo assassinato de dois coletores de impostos. Também está documentado que Earl Leofric relutantemente obedeceu e destruiu a cidade, mas poucos perderam suas vidas.

Este conto é um relato fictício de como isso aconteceu graças à intervenção de um dos mensageiros viking do rei, que se apaixonou por uma garota que conheceu em seu caminho para o mercado de Worcester.

HARTHACANUTE

Inglaterra, dezembro de 1041 DC.

WULFRAM AUMENTOU SEU ritmo em um esforço para afastar o frio do inverno.

— O que o nosso *glorioso* rei quer conosco agora? — Reclamou para o irmão adotivo enquanto eles iam para o tribunal. — Ele não se incomodou em nos convocar desde que ajudamos a trazer sua frota para terra firme.

Sandor apertou a mão no ombro dele, forçando-o a parar.

— Paciência, irmãozinho. Guarde sua língua. Essas paredes têm ouvidos. Há rumores de que o Harthacanute tem espiões em todos os lugares.

Wulfram tirou a mão de Sandor e retomou o ritmo acelerado.

— Ignorar-nos é um insulto ao nosso pai. O governador de Jomsborg enviou seus filhos para comandar navios para a invasão de Harthacanute, e ficamos presos na Inglaterra por dezoito meses, sem uma palavra de agradecimento ou permissão para voltar para casa.

Sandor zombou, sua respiração pairando no ar frio.

— Alguma invasão. O filho de Canuto estava com tanto medo que haveria oposição à sua reivindicação sobre o trono inglês de seu pai que ele trouxe sessenta e dois navios da Dinamarca. Ridículo considerando que ele havia sido convidado depois da morte do rei Harald.

Wulfram pensou de volta.

— Mas que visão, você deve concordar, dezenas de navios vikings desembarcam em Sandwich sete dias antes do Solstício de Verão.

Sandor manteve o ritmo.

— *Sim*, ele foi recebido na época, mas agora os ingleses o odeiam. O glorioso verão se transformou em um inverno de descontentamento.

Wulfram baixou a voz.

— As safras ruins deste ano pioraram as coisas, além do que ele impôs impostos terríveis para pagar sua grande frota, entre outras coisas.

Sandor concordou.

— Não recebemos, no entanto, qualquer recompensa e somos obrigados a pagar as contas pelo salário da nossa tripulação. Nós não somos dinamarqueses, mas os ingleses não sabem a diferença. Somos odiados também. E, vamos encarar, a nova frota será usada para livrar Harthacanute de seus rivais na Noruega e na Dinamarca.

Wulfram sacudiu a cabeça.

Duvido que nosso rei saiba que Jomsborg está no Báltico. Seu governo está muito longe dos contos sobre o sábio rei Canuto que o pai conta.

— Os condes ingleses haviam se acostumado a um rei que governava em conselho, com o conselho de seus principais homens, — acrescentou Sandor. — Seu filho é um autocrata que faz o que quer e se ressentem por isso.

Wulfram cerrou o queixo.

Especialmente porque ele e sua mãe parecem mais propensos a vingar o assassinato de Alfred, o Aetheling[1], do falecido rei Harald, do que sobre o bem-estar do povo.

Sandor fez uma careta.

— Eu vi algumas coisas horríveis durante a minha vida, mas a insistência de Emma, da Normandia, para que o cadáver apodrecido de Harald fosse desenterrado para que pudesse ser decapitado e depois descartado em um esgoto.

— *Sim*, você está certo. Quero ir para casa aquecer a cama da minha esposa e estragar meus filhos. Eles sentirão falta do pai deles no Yuletide[2].

Wulfram simpatizou, mas sentiu uma pontada de inveja não havia ninguém esperando por ele em Jomsborg.

Suponho que, quando finalmente chegar em casa, terei que começar a procurar uma esposa.

Sandor deu um tapinha nas costas dele.

— Você tem muito tempo. Eu tinha cinco e vinte anos quando me casei com Inga, mais velho do que você é agora.

— Só daqui a um ano, — retrucou Wulfram. — A verdade é que nenhuma mulher entrou em minha fantasia.

— Você é muito exigente, — respondeu Sandor. — Porque você quer o que nossos pais têm.

— Todos vocês encontraram o companheiro certo. Por que não eu?

O ar dentro do recinto real ainda estava frio, mas pelo menos eles estavam fora do incessante vento leste. Guardas nas portas da antecâmara do rei fizeram uma careta para que eles silenciassem. Wulfram andava de um lado para o outro, refletindo sobre a ideia de encontrar uma mulher que ele amasse e que o amasse em troca. Ele decidiu que deveria estar ficando velho. O casamento nunca parecera muito importante, mas, recentemente, ele pensava muito em criar filhos. Ele esperava que a convocação significasse que eles estavam indo para casa, mas, se fosse esse o caso, era improvável que ele encontrasse uma noiva na Inglaterra, como seu pai.

Sigmar Alvarsen nunca parou de se vangloriar de sua sorte se reunindo com sua amada Audra novamente depois de muitos anos separados.

Eles endireitaram os ombros quando as portas duplas se abriram e eles foram conduzidos à presença do rei.

Fazia mais de um ano desde que Wulfram vira o filho de Canuto. O homem magro sentado na cadeira ricamente esculpida possuia pouca semelhança com o confiante Harthacanute que desembarcara em Sandwich. O rei estava obviamente doente, a pele pálida, a respiração ofegante. Vestes régias pendiam da forma esquelética em vez de em um guerreiro musculoso.

— Elfo... shot, — Sandor sussurrou quando eles se curvaram.

Wulfram não acreditava em duendes, mas sua descrença havia sido seriamente desafiada pelo que ele ouvira da morte do irmão gêmeo do rei, seu antecessor no trono. A pele de Harald aparentemente ficara preta. O que mais, além da magia élfica, poderia ter trazido tal coisa?

Harthacanute apertou os olhos, como se não pudesse vê-los claramente.

— Vocês são os irmãos vikings? — Ele murmurou.

Wulfram respondeu.

— *Sim* Senhor, Wulfram Sigmarsen e Sandor Wulframsen, filhos de Sigmar Alvarsen, Governador do Jomsborg.

O monarca olhava para eles como se tentasse compreender como dois irmãos poderiam ter sobrenomes diferentes, e por que o homem mais jovem falava quando geralmente o irmão mais velho possuia esse direito. No entanto, Wulfram considerou um momento inoportuno explicar que seus pais adotaram Sandor quando ainda menino.

Um ataque de tosse tomou o rei quando ele abriu a boca para falar. Ele afastou um atendente que procurava ajudar, usando a bainha de seu manto externo para limpar a boca depois que a tosse torturante diminuiu. Era impossível não notar o sangue manchando a roupa.

— A raiva devora meus pulmões, — o rei finalmente resmungou. — Como se não bastasse o maldito bispo de Worcester foi cúmplice no assassinato do meu irmão gêmeo,

agora o povo daquela cidade matou dois dos meus coletores de impostos. Eles devem ser punidos.

Wulfram lançou um olhar para Sandor, que parecia igualmente perplexo com o que aquilo teria a ver com eles. Ele achou surpreendente que apenas dois dos coletores enviados para extorquir os pesados impostos tivessem sido assassinados, mas decidiu que seria mais sensato manter a boca fechada.

Harthacanute brandiu um punho, revelando um braço sem carne quando a manga de sua túnica escorregou até o cotovelo.

— Vocês irão ao conde Leofric, da Mércia, e lhe dirão que Worcester deve ser demolida e todos os habitantes nela abatidos.

Esta não era a jornada que eles haviam previsto, mas seria um suicídio discutir com um homem que estava obviamente perto da morte e cuja sede de sangue cheirava a loucura.

— Vamos fazer o que quiser, senhor — respondeu Wulfram, imaginando quais seriam as chances de sobreviver ao ultraje de Leofric. Naquela temporada de boa vontade, era esperado que o conde destruísse sua cidade e as pessoas de seu próprio reino.

ROSWITHA

COM OS DEDOS CONGELADOS, Roswitha de Pershore ergueu o último pacote de urtiga do pano, no carrinho de mão sob o olhar atento de seu padrasto aleijado. Kennald, o tecelão, estava sentado em uma grande pedra plana perto da lagoa coberta por uma camada de gelo.

— Eu poderia acompanhá-la, se pudesse — lamentou ele, levantando-se com a ajuda das muletas de madeira que havia sido obrigado a usar desde que os coletores de impostos reais quebraram suas duas pernas.

Roswitha ajoelhou-se ao lado da lagoa, quebrou a fina camada de gelo com uma vareta e mergulhou suas mãos picadas pela urtiga, na água gelada. Desde a morte prematura de sua mãe, ela foi encarregada de recolher as plantas e retirar as fibras das hastes. Era somente pela graça de Deus que o tear de Kennald produzia um pano macio e durável vindo de uma erva daninha nociva.

A água fria entorpeceu ainda mais suas mãos, mas trouxe alívio para a coceira infernal. Ela se levantou, enxugou as mãos na barra da saia e deu um beijo na bochecha do padrasto. Eles mal trocaram uma palavra antes do falecimento de sua mãe. Privado de sua esposa como alvo de

seu temperamento, ele adotou Roswitha para ser agressivo, e seus ataques de raiva eram mais frequentes agora. Era só uma questão de tempo antes que ela sentisse a força dos punhos dele.

No entanto, ela estava determinada a ser uma filha dedicada a um homem que ela mal conhecia e não gostava. Ele sofrera terrivelmente com o espancamento dos coletores de impostos e provavelmente nunca mais andaria sem muletas.

— Tudo vai ficar bem, — disse ela, desejando que estivesse tão confiante quanto tentava soar. — Não há escolha a não ser levar seu pano fino para a feira de Natal em Worcester.

— Impostos malditos, — ele respondeu. — Sim, Worcester é o único mercado em que você conseguirá o suficiente para pagar ao rei dinamarquês. Não é de se admirar que os aldeões por aqui mataram dois de seus capangas, esperançosamente os mesmos bastardos que me mutilaram.

Roswitha olhou ao redor. Sua família, descendente da antiga tribo Hwicce, viveu em Pershore por gerações, mas uma pessoa nunca saberia quem poderia estar ouvindo. O deles não era o único lago de pesca alimentado pelo Avon.

— Não se preocupe, — ela assegurou-lhe, — Delwyn o pastor está indo comigo para levar a carroça.

Seu padrasto fez uma careta e se afastou.

— Sim. O simplório.

Ela estremeceu. Delwyn já havia chegado e acomodou seus braços musculosos sobre as alças da carroça. Ela

esperava que ele não tivesse ouvido as palavras cruéis. Embora fosse verdade que o pastor raramente falava, exceto com suas ovelhas, ela sentia que ele não era o imbecil que julgavam que ele fosse. Ele havia sido o único vizinho a vir auxiliar após a surra. A importante jornada para Worcester seria impossível sem aquela oferta de ajuda.

Ela enrolou o pouco calor do xale de sua mãe em volta dos ombros e acenou.

— Delwyn. Bom dia!

Ele sorriu com o sorriso de sempre e apontou a pilha de tecido na carroça.

Ela balançou a cabeça, pensando que ele poderia ser a última pessoa que restava no reino de Harthacanute, que se lembrava de como sorrir.

— Não. Eu andarei ao seu lado, pelo menos pelo primeiro tempo.

— Tome cuidado, — gritou o padrasto da porta do casebre. — O dinamarquês vai querer vingança. A ira dele cairá em Worcester.

Dificilmente aquilo seria um encorajamento, mas ela entendia o rancor dele. No entanto, ela não queria que Delwyn mudasse de ideia.

— O rei dinamarquês pode estar com raiva, mas o conde Leofric é poderoso e vai nos proteger, — assegurou-lhe. — Ele é Hwiccan por sangue e nunca permitirá que o Harthacanute prejudique seu povo, especialmente nesta época santa do Advento.

Delwyn a olhou pensativamente, depois deu de ombros antes de colocar a carroça em movimento. Ela implorou perdão a Deus por pensar que um boi não poderia ter puxado a pesada carroça carregada sobre a gelada e esburacada trilha, nem pareceria mais fácil.

Tudo correu bem por um quilômetro ou dois, mas os dedos de Roswitha logo congelaram nas finas sandálias de couro que eram pequenas demais. Ela as usava há anos e nunca havia moedas suficientes para comprar novas.

Delwyn a ajudou a subir sobre o tecido e partiu novamente.

— Sou a rainha dos tecelões de urtiga, — gritou ela aos quatro ventos quando se aproximaram do topo de uma colina pouco tempo depois.

Delwyn olhou por cima do ombro para sorrir para ela e perdeu o equilíbrio no chão gelado. Ele fez um valente esforço para manter a carroça na posição vertical, mas Roswitha precisou pular para a segurança ao vê-lo cair. Ela olhou para cima de onde caiu sobre seu traseiro no chão frio e duro. A maior parte da produção de tecido ainda estava na carroça, mas ela temia que tudo tivesse que ser descarregado para consertar o transporte.

Delwyn balbuciou sua raiva quando correu para pegá-la.

— Coloque-me para baixo, — ela protestou, sentindo-se como uma boneca de pano em seu enorme abraço. — Eu não estou ferida.

Ele parou abruptamente e a colocou de pé. Seu coração disparou quando ele assumiu uma postura entre ela e dois

homens de amplos ombros com armaduras de couro que se aproximaram com grande discrição.

Um era mais velho, mas não tão velho quanto seu padrasto; o outro jovem, de cabelo longo e loiro, traindo suas origens.

— Dinamarqueses, — ela sussurrou para seu campeão, temendo que pudesse ser a última palavra que ela já proferira.



WULFRAM DESEMBAINHOU A espada, pronto para arrancar a cabeça do homem que atacava a garota ruiva. Ele não suportava homens que atacavam mulheres.

Sandor o parou com a mão.

— O touro está tentando protegê-la de você.

— Ele é um idiota, então, — Wulfram respondeu, embainhando sua espada, embora ele tivesse que relutantemente admirar um camponês desarmado que estava com os punhos carnudos levantados para desafiar dois pesados guerreiros vikings armados. Mostrou ao sujeito as palmas das mãos vazias e apontou à carroça tombada.

A garota espiou por trás do gigante e algo peculiar aconteceu dentro de Wulfram. Seu coração de repente

entendeu o desejo do imbecil de protegê-la e ficou impressionado com a aparência dela também. Ela era alta e magra, belíssima, apesar do nariz vermelho. Certamente ela não era casada com o imbecil.

Mas ele franziu a testa quando ela se adiantou e insistiu...

— Delwyn não é um idiota.

Evidentemente, ela havia falado na língua estrangeira sem pensar. Definitivamente era hora de partir daquela terra alienígena.

Sandor cutucou-o e apontou a carroça.

— Aparentemente, Delwyn decidiu que não somos uma ameaça.

O gigante estava se esforçando para endireitá-la. A moça mal vestida pulou e começou a pegar as peças de tecido que haviam caído no caminho. As mãos dela estavam manchadas de vergões vermelhos, levando-o a suspeitar que ela fora a única a recolher as urtigas das quais o pano havia sido feito.

Ele foi ajudá-la, a ajuda de Sandor seria suficiente para endireitar a carroça.

— Siga seu *pik*[3], — seu irmão disse no dialeto nórdico que apenas os Jomsvikings entendiam.

Ele ignorou a provocação e se agachou ao lado da garota. — Qual é o seu nome? — Ele perguntou, impressionado com a qualidade do tecido que ele pegou dela.

— Roswitha, — ela murmurou.

Ela olhou para ele, o medo evidente em seus olhos verdes.

Ela queria que ele fosse embora.

— Não se preocupe. Nós não vamos machucá-la.

Ela balançou a cabeça.

— Vocês são dinamarqueses. Homens do rei.

Incomodava-lhe que o povo inglês ainda temesse os dinamarqueses depois de mais de vinte anos de domínio da Dinamarca, mas tendo testemunhado a sede de vingança de Harthacanute, ele entendia perfeitamente.

— Eu não sou dinamarquês. Eu sou de Jomsborg. É uma fortaleza no Báltico.

Estava claro, pela careta dela, que ela não fazia ideia do que ele queria dizer. Ele segurou as mãos frias dela.

— Elas estão machucadas, — disse ele, cheio de uma vontade de beijar suas feridas.

Ela se soltou e lutou para se levantar.

— A carroça está arrumada. Nós podemos nos colocar a caminho.

Apesar daquela demonstração de coragem, ele teve a sensação de que o medo dos dinamarqueses estava profundamente arraigado, e ela não entendera a tentativa dele de se distanciar da brutalidade do regime atual. No entanto, ele sabia que não poderia negar que ele era o prenúncio de destruição para Worcester e seu povo.

— Onde você está indo? — Ele perguntou.

— Worcester, — ela respondeu, arrastando-se atrás do gigante enquanto ele colocava a carroça em movimento novamente.

O coração dele se agitou. Ele não podia permitir que aquilo acontecesse.

CAVALOS e OVELHAS

— EU NÃO POSSO PERMITIR QUE você vá para Worcester — declarou Wulfram, irritado quando o gigante e a moça o ignoraram e continuaram andando. — Parem, — ele gritou.

Sandor o puxou para longe.

— Eu digo que nós devemos recuperar os cavalos e nos colocarmos a caminho. Não é nossa culpa se eles estão indo em direção ao perigo.

Era verdade, mas ele precisava detê-los.

— Se eu salvar apenas uma pessoa da loucura de Harthacanute, já será alguma coisa.

Sandor piscou.

— Especialmente se essa pessoa for uma rapariga ruiva que atraiu a atenção do seu *pik*.

— Isso não tem nada a ver com isso, — ele mentiu. — Pegue os cavalos e nos alcançe.

Sandor se retirou, balançando a cabeça.

Wulfram correu para o lado de Roswitha.

— Você não pode ir para Worcester.

Ela ergueu o queixo no ar e continuou andando.

Delwyn olhou para ele nervosamente. Talvez o camponês pudesse ouvir. Wulfram ficou na frente dele, bloqueando seu

caminho. A carroça parou.

Roswitha se aproximou dele com as mãos nos quadris.

— Ouça viking valentão, estamos indo para o mercado em Worcester.

O desafio dela era quase divertido, mas o desespero nos olhos verdes o fez dar uma pausa.

— Por que isso é tão importante? Você não pode vender o seu tecido nas feiras de outros locais?

Lágrimas brotaram.

— Lá eu teria dinheiro insuficiente.

— Para quê?

Ela fez beicinho e estudou seus pés.

— Impostos para seu amaldiçoado rei dinamarquês.

Exasperado novamente sendo acusado de parentesco com Harthacanute, ele apontou para o tecido empilhado na carroça.

— De tudo o que tem aqui você fará apenas o suficiente para pagar seus impostos?

Ela olhou para ele em resposta, seu queixo tremendo.

— Mesmo isso não será suficiente. Nós já estamos em atraso.

O coração dele se agitou. Ela e o imbecil eram marido e mulher.

— Nós?

Para sua consternação, ela começou a chorar.

— Meu padrasto e eu. Eles quebraram as pernas dele porque ele não podia pagar, e eles vão voltar.

As vísceras de Wulfram se apertaram. Ele suspeitava da punição que os cobradores de impostos poderiam impor se não recebessem pagamento. Ou eles já a violaram?

As mãos feridas testemunhavam uma vida de dura labuta. O padrasto evidentemente havia confeccionado o tecido apesar dos ferimentos terríveis. Ela havia empreendido uma jornada difícil no inverno com apenas um simplório como companheiro. Se ele se recusasse a permitir que ela entrasse em uma cidade condenada, a vida dela poderia estar em risco quando voltasse para casa sem dinheiro.

Sandor apareceu com os cavalos.

Wulfram montou seu corcel.

— Vamos acompanhá-la, — disse ele, estendendo a mão. — Você anda comigo.

Ela se afastou de Banki como se o alazão fosse um dragão bufando fumaça no ar frio.

Sandor deu uma risadinha.

Impaciente, Wulfram desmontou, levantou-a por cima do ombro, voltou ao cavalo e sentou-a em seu colo. Ela se contorcendo e gritando produziu uma excitação do tipo que ele nunca havia experimenta, ao menos, ele não conseguia se lembrar. Talvez ela estivesse montada em um dragão indo para Worcester, afinal.



ROSWITHA ESTAVA COM MEDO dos cavalos. Na realidade, ela nunca esteve perto de um. Graças às constantes advertências da mãe, ela temia demais os homens. De onde ela tirou a coragem de enfrentar dois guerreiros enormes, ela nunca saberia. Mas não houve escolha e sua insistência salvou o dia. Cavalgar no colo de um Viking corpulento era preferível a caminhar, e eles estavam a caminho do movimentado mercado de Natal de Worcester.

O cavalo apresentava um odor , assim como o homem em cujas coxas ela estava empoleirada, hesitante em olhar para o chão congelado lá embaixo.

Ela franziu o nariz por causa do odor da fera, mas recostou-se um pouco para saborear o agradável e reconfortante aroma do homem. Couro e outra coisa mais. Ela pensou que talvez todos os homens cheirassem assim, embora os que ela conhecia fediam como seu padrasto e o pobre Delwyn. Porém ele morava com as ovelhas.

— Seu cavalo não cheira como as ovelhas, — disse ela, imediatamente lamentando que tivesse pronunciado seus pensamentos em voz alta. Ele provavelmente a considerava uma camponesa ignorante.

Ele riu e mudou-a para uma posição diferente. O calor de suas grandes mãos penetrou em seu fino vestido.

— Não. Banki não é uma ovelha.

— Mas ele faz o que você diz a ele, como as ovelhas fazem o que Delwyn diz a elas.

— Verdade. Não como uma certa Roswitha que eu conheço.

Era agradável que ele se lembrasse do nome dela.

— Eu não posso lhe chamar pelo nome porque você não me disse.

O outro nórdico que cavalgava ao lado deles continuava rindo, mas o viking dela não parecia divertido.

— Eu sou Wulfram Sigmarsen, de Jomsborg.

Tranquilizada pela gentileza naquela voz profunda, ela criou coragem.

— Por que você não quer que a gente vá para Worcester, Wulfram?

Ele não teve escolha senão contar para ela.

— Porque o rei ordenou que a cidade seja arrasada e todos os seres vivos que estiveram lá, abatidos.

WORCESTER

Uma HORA MAIS TARDE, Wulfram saiu dos aposentos do conde em Worcester Priory, sentindo-se mais otimista do que quando procurara a audiência com Leofric.

Sandor chamou-o no pátio.

— Então?

— Nós temos algum tempo. Ele e a Lady Godiva estão em peregrinação Natalina até Coventry, onde eles dotarão o Priorado de Santa Maria com um colar. O camareiro mencionou pelo menos cinquenta vezes que ele vale mais de cem marcos de prata.

Sandor coçou a cabeça.

— Um colar?

— Aparentemente para ser pendurado na estátua da Virgem que Godiva ofereceu a eles em uma ocasião anterior.

— Ouvi dizer que o conde e sua dama são generosos benfeitores da Igreja — respondeu Sandor, enquanto se afastava para os estábulos.

Wulfram o seguiu.

— Parece que sim, o que é bom para a resposta que você vai dar à ordem do rei. Ele não terá escolha a não ser destruir

a cidade, mas eu aposto que ele não fará objeção se fizermos o que pudermos para salvar o povo.

Sandor olhou ao redor.

— Você está falando de traição, irmão.

Wulfram sacudiu a cabeça. — Harthacanute quer que todos que forem encontrados na cidade sejam mortos. E se a cidade estiver vazia? Como poderá provar que alguém sobreviveu nas ruínas?

Sandor encolheu os ombros.

— Estou cansado deste país de qualquer maneira. Se tivermos que fugir para nossa casa em Jomsborg, que assim seja. Qual é o plano?

— Acredito que foi a vontade de Deus que tenhamos encontrado Roswitha.

Sandor riu alto enquanto conduzia o cavalo para fora do estábulo.

— A vontade de Deus, não é?

Wulfram ignorou a provocação.

— Quando contei a ela sobre o plano do rei, ela falou de uma abadia perto de onde ela mora, que poderia servir de refúgio para centenas de pessoas. Fica a apenas oito quilômetros de Worcester, mas longe o suficiente para que possamos persuadí-los a ir até lá.

Enquanto montavam, Sandor expressou suas reservas.

— Você está colocando muita fé em uma simples garota.

Wulfram ponderou as palavras de seu irmão.

— É verdade, mas confio nela. Ela é corajosa.

Sandor piscou.

— E bonita.

Wulfram viu a oportunidade de recuperar as próprias costas.

— Você é um homem casado que não deveria notar outras mulheres.

Sandor fez um grande show tocando em suas partes íntimas.

— Meu *pik* está contente em esperar até eu me reunir novamente com Inga. Você está precisando de uma esposa, e você está certo que Roswitha é determinada e trabalhadora, como você mencionou inúmeras vezes. Além disso, que futuro ela tem com um padrasto aleijado e cobradores de impostos atrás dela? Ela ficaria melhor com você em Jomsborg.

Enquanto percorriam as ruas festivas de Worcester até o mercado lotado, Wulfram se perguntou se ele estava depositando muita esperança em Roswitha. Ele não havia percebido que falara dela com tanta frequência, embora ela estivesse em seus pensamentos. Ou talvez Sandor estivesse simplesmente provocando-o.

Passaram por muitas famílias a caminho do mercado, homens e mulheres carregados de tudo, de trouxas, de lenha, panelas e frigideiras e velas. Crianças animadas saíam do caminho dos cavalos; mães indulgentes as repreendiam por aquilo, alegremente, inconscientes da desgraça iminente.

Wulfram sabia em seu coração que ele precisava tentar salvá-los, mas eles não o escutariam. Roswitha era a chave.



As vendas do tecido de Kennald foram boas e Roswitha ficou feliz com a sólida presença de Delwyn ao seu lado. Um vislumbre de sua estrutura corpulenta desencorajaria qualquer novidade. Faria bem, para quem pudesse pensar em roubar a bolsa pendurada em seu corpo. Ela estava confiante de que já possuia dinheiro suficiente para resgatar seu padrasto.

Mas uma víbora se contorcia em sua barriga. Ela ansiava por deixar escapar para qualquer um que chegasse à sua barraca que eles não deviam ficar para comprar bens que não teriam utilidade para os mortos.

Corra, esconda seus filhos, salve-se, ela queria gritar.

Mas ela estava com medo. Os homens do conde patrulhavam o mercado lotado. Eles poderiam levá-la para o calabouço por causar um distúrbio. Ela seria acusada de loucura ou pior.

Temia também por Wulfram, o bondoso dinamarquês que não era como os outros dinamarqueses. Ele tentou explicar que ele era diferente e ela não havia entendido. E a surpreendeu quando ele confidenciou seu desejo de poupar as pessoas de Worcester.

Uma coisa ela sabia, no entanto, era que o guerreiro havia despertado o interesse de suas partes femininas e despertado sentimentos de desejo que ela nunca conhecera antes. Ela desejou estar sentada no colo dele sobre o enorme cavalo cavalgando para uma vida melhor.

Leofric iria condená-lo pela mensagem que ele trouxe?

O alívio aumentou quando ela viu que ele caminhava a pé em sua direção no meio da multidão. Ele deixou Banki em algum lugar, provavelmente com o outro homem.

Seu coração se encheu de admiração. Ele não empurrou ou pressionou, mas o povo se afastou de qualquer maneira, evidentemente impressionado pelo tamanho dele e seu comportamento gentil, embora o aperto de sua mandíbula traísse sua agitação interna para qualquer um que soubesse que ele trazia a morte e destruição.

Ela nunca teve o desejo de tocar um homem antes, mas ela pegou a mão dele, querendo que ele soubesse que ela entendia o dilema dele e pensava nele com compaixão. Seu coração quase parou de bater quando ele levou a mão dela aos lábios e deu um caloroso beijo nos nós dos dedos, como se ela fosse uma nobre dama.

— Como vai? — Ele perguntou. — As vendas foram boas?

Ocorreu-lhe que a maioria dos homens fugiria de volta para Winchester depois de entregar uma mensagem tão terrível, mas Wulfram estava perguntando sobre o progresso de seu empreendimento. Ela presumiu que aquilo significava que os soldados do conde não estariam correndo para o mercado com as espadas desembainhadas tão cedo.

— Tudo vai bem, mas e o destino de Worcester?

Ainda segurando a mão dela naquele aperto gentil, ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

O conde e sua dama estão em Coventry. Isso nos dá a benção de alguns dias. Devemos avisar as pessoas. Diga-lhes para caminhar até a abadia sem fazer estardalhaço. Você pode fazer isso?

O calor e determinação daqueles olhos azuis lhe deram coragem.

— Sim, mas quem vai cuidar da minha barraca?

— Eu vou, — disse ele com uma piscadela. — Com a ajuda de Delwyn.

GODRIC

A PRIMEIRA PESSOA QUE Roswitha procurou foi Godric o ferreiro. Ele era bem respeitado, para não mencionar temido. Se ela pudesse convencê-lo, outros o seguiriam. A princípio, ele recusou o pedido dela para acompanhá-lo até sua barraca para se encontrar com Wulfram, mas concordou quando ela apontou o corpulento Viking cuidando das mercadorias dela na outra extremidade do mercado. Ela teve a sensação de que a curiosidade levara a melhor sobre ele.

Ela seguiu em frente quando ele abriu caminho entre a multidão e ficou ao lado de Wulfram quando chegou à tenda. Qualquer coisa que ela dissesse seria considerada uma interferência feminina desnecessária, então ela ficou em silêncio.

Godric apoiou as pernas musculosas e enfiou os polegares no cinto largo.

— Você tem algo para contar às pessoas? — perguntou ele a Wulfram.

— Aqui não. Em algum lugar privado.

Godric hesitou, mas depois inclinou a cabeça na direção da cruz do mercado. Wulfram sorriu para Roswitha enquanto ele seguia o ferreiro.

Ela voltou sua atenção para Delwyn, que sorriu e balançou a bolsa que parecia muito mais cheia do que quando ela havia deixado a poucos dez minutos antes.

— Mantenha fora de vista, — ela sussurrou, lançando um olho sobre os poucos pedaços restantes de tecido de urtiga.

— Vendemos muito, — declarou Delwyn, ainda sorrindo.

Ela ficou na ponta dos pés, tentando vislumbrar Wulfram e Godric. Eles estavam perto da cruz, as cabeças juntas. O ferreiro não parecia feliz, mas nunca demonstrava mesmo.



WULFRAM ESTAVA RELUTANTE em retirar o pergaminho da bolsa, mas percebeu que era a única maneira de convencer o ferreiro. Ele segurou a mensagem perto do peito esperando que só Godric pudesse ver o selo real. — Você entende por que não posso quebrar o selo e mostrar o conteúdo, mas tenho certeza de que você já ouviu falar do assassinato dos coletores de impostos em sua cidade. O rei quer vingança.

Godric fechou um olho e arqueou a outra sobrancelha.

— Ele quer matar todos nós?

Wulfram assentiu.

— E queimar a cidade? Não, nosso conde não permitirá um massacre no natal.

— Ele não terá escolha se valorizar a vida dele e da família. Mas devemos esperar que ele fique contente de encontrar a cidade vazia quando ele começar a destruí-la.

Godric raspou as unhas imundas através da barba ruiva durante tanto tempo que Wulfram temia que o som desagradável pudesse enlouquecê-lo. Finalmente, ele apertou os laços de seu avental de couro.

— Eu juntarei as pessoas para espalhar a palavra. Fulbert, o Fletcher, talvez, e Judith, a Alewife...

— Devemos evitar o pânico. Faça uma retirada ordenada até a abadia de Pershore, sem alertar as autoridades.

— Sim, — Godric concordou. — Deixe comigo. — Ele se afastou alguns passos, mas depois se virou e voltou. — Eu agradeço a sua bravura. E também a da moça.

EU SOMENTE DESEJO

No dia seguinte, Wulfram entregou Roswitha, uma bolsa cheia e um carroça vazia na morada dela em Pershore, consternado ao descobrir que ela vivia em um casebre que não seriam considerado aptos para os escravos da família dele, quando voltasse para casa.

Ele gostara da companhia dela na jornada de Worcester e ficou feliz por ela ter perdido um pouco do nervosismo, até mesmo inclinando-se contra ele no cavalo.

Ele comprou de um farmacêutico uma pomada para as mãos doloridas e o aroma agradável de mentol encheu suas narinas.

Ele desmontou e a levantou, relutando em sair. Ela agarrou os ombros dele e ele quis segurá-la em seu corpo, mas o rosnado do padrasto e o sorriso de Sandor o dissuadiram. A expectativa daqueles olhos verdes se transformou em decepção.

O padrasto dela não se levantou da pedra em que ele estava sentado. Era preocupante que eles não trocassem palavras de afeição. Roswitha entregou-lhe a bolsa protuberante. O velho aleijado apenas aninhou-a na virilha, depois grunhiu e cuspiu quando ela explicou quem eles eram.

A atenção dele parecia fixa nas dezenas de pessoas caminhando rumo à abadia.

— Sua filha ajudou a salvar centenas de vidas, — disse Wulfram. — Você deveria estar orgulhoso.

O velho franziu o cenho para Roswitha como se não a conhecesse, depois olhou para Wulfram.

— Você é um dinamarquês.

Ele se recusou a explicar mais uma vez que era de Jomsborg, então chegou ao cerne da questão. — Aquelas pessoas são de Worcester. Elas buscam refúgio na Abadia Pershore fugindo da ira do Rei Harthacanute.

— Vai haver problemas por você ter contado sobre a matança. Eles ficam bêbados durante todo o dia, — foi a resposta.

Roswitha tocou o braço de Wulfram e ficou na ponta dos pés para sussurrar em seu ouvido.

— Ele às vezes bebe muita cerveja quando a dor nas pernas é muito ruim.

Ele a puxou para longe e segurou suas mãos frias.

— Eu não quero deixar você aqui, Roswitha. Quando o rei souber o que eu fiz, serei banido.

Lágrimas rolaram pela gelada bochecha avermelhada.

— Você vai sair da Inglaterra?

Ele afastou uma lágrima com o polegar.

— Não chore por mim. Ficarei feliz em voltar para casa em Jomsborg. Eu só queria...



ROSWITHA DESEJOU COM todo seu coração poder ir com Wulfram à terra natal que ele tanto amava e sobre a qual falava quase sem se dar conta. Ele insinuou que precisava de uma esposa, mas isso não significava...

Ela nunca quis ser esposa de ninguém, tendo testemunhado o sofrimento de sua mãe, embora duvidasse que Wulfram usasse seus punhos em uma mulher.

Mas seu dever estava ali, em Pershore, ajudando seu padrasto.

— Eu desejo-lhe um bom retorno então, Wulfram, — ela resmungou, evitando o olhar dele.

Seu coração disparou ao redor de suas costelas quando ele a cruzou com seus braços maciços, e a ergueu para seu corpo rígido. — Venha comigo, Roswitha. Eu quero você por esposa.

A boca dele estava tão perto da dela que ela quase podia beijá-lo. Ela havia sonhado com os lábios dele nos dela desde que ele beijou a mão dela. Mas aquela era uma ideia tola. Ela balançou a cabeça.

— Você mal me conhece.

— Eu sei o suficiente. Meu coração e meu corpo me dizem que você é única.

O padrasto dela brandia uma muleta.

Deixe-a viking e vá embora.

Ela empurrou contra o peito dele.

— Melhor você me colocar para baixo ou ele vai ficar bravo.

Ele obedeceu, sua mandíbula cerrada.

— Ele não está sempre zangado?

Ela estava desolada.

— Ele sofreu muito. Você não pode culpá-lo. — Ela falou a verdade, embora nunca tivesse revelado que o ataque de Kennald aos cobradores de impostos os incitou à brutalidade.

O irmão de Wulfram assobiou.

— Você é necessário, — disse ela. — Leve-os em segurança até a abadia.

Ele colocou uma mecha errante atrás da orelha dela. — Eu queria beijá-la ao dizer adeus, Roswitha, mas estou hesitante em trazer a ira do seu padrasto sobre sua cabeça. — Ele enfiou a mão na bolsa e tirou algo que pressionou na dela mão.

— Pegue isso como uma lembrança minha.

Ao ele se afastar e montar Banki, ela desenrolou os dedos. Ele lhe dera um amuleto: uma gota de âmbar com uma minúscula flor azul florescendo para sempre no centro. Ela encostou-a ao peito.

— Eu vou guardá-lo sempre, — ela sussurrou em lágrimas.

FORÇAS INEXPLICÁVEIS

WULRAM PENSOU QUE nunca se separaria do talismã que sua mãe lhe dera. Audra possuia um lugar especial em seu coração para as lembranças que ela gostava de chamar de: imagens de pedras.

Era apropriado que ele presenteasse Roswitha como um símbolo de seu amor, pois ele admitiu que os sentimentos que invadiram seu coração e seus quadris eram a prova de que ele a amava. E ela provavelmente precisava de mais sorte do que ele.

Aquele pensamento foi posto em dúvida quando ele e Sandor observaram um grupo de homens montados no meio da multidão reunida no entorno da abadia.

— Problemas, — alertou Sandor.

Eles cavalgaram adiante até serem desafiados por um soldado.

— Que negócio vocês tem com o conde?

— O conde Leofric está aqui? — Perguntou Wulfram, pegando a correspondência de sua bolsa. — Eu tenho uma mensagem do rei para ele.

O soldado olhou-o com descrença e ficou aliviado quando Godric, o ferreiro, saiu da multidão.

— Ele fala a verdade. É o que eu estava tentando explicar para o conde.

O supracitado conde escolheu aquele momento para aparecer, sua dama não muito atrás.

Wulfram desmontou e se abaixou sobre um joelho, baixou a cabeça e segurou o pergaminho alto.

— Eu sou Wulfram Sigmarsen, meu senhor, filho do governador de Jomsborg, e carrego uma mensagem do rei Harthacanute.

Leofric desmontou, pegou o pergaminho e o bateu na coxa.

— A caminho de casa, em Coventry, encontrei todas essas pessoas aqui que fugiram de Worcester. Então Godric me diz que o rei quer que eu destrua minha cidade e abata meu próprio povo em Yuletide. Nem o filho do rei Canuto esperaria tal coisa.

Wulfram arriscou-se a olhar para cima.

— Ele fala a verdade. Harthacanute não é o cristão devoto que o pai dele era. Ele busca vingança pelo assassinato de seus coletores de impostos.

Leofric olhou à esposa de rosto pálido, depois voltou a atenção para Wulfram.

— E suponho que foi você quem contou para Godric o conteúdo dessa carta particular?

Wulfram engoliu em seco, desejando que ele estivesse com o talismã de âmbar. — Sim, meu senhor.

— Você é dinamarquês, mas traui seu rei dinamarquês para um conde inglês.

Wulfram esperava que Leofric soubesse de Jomsborg, mas decidiu que não era hora de ressaltar que a terra natal dele não era na Dinamarca. No entanto, ele precisava esclarecer seus motivos. — Estamos interessados no bem-estar dos ingleses, meu senhor. Tomei a liberdade de assumir que você seria obrigado a levar a cabo a destruição de Worcester, mas pesaria muito se você tivesse que abater seu próprio povo.

Lady Godiva insistiu com o cavalo à frente. Wulfram não se lembrava de ter visto cabelos tão longos, nem um rosto tão justo.

— Esse homem conhece você bem, marido — disse ela suavemente, — embora nunca tenha lhe visto antes.

Leofric sorriu sombriamente e abriu o pergaminho. Ele passou o conteúdo rapidamente, em seguida, enfiou-o em sua bolsa, sinalizando para Wulfram se levantar.

— De fato, você está certo em dizer que devo devastar uma cidade que me esforcei para fazer prosperar, mas agradeço por me aliviar do fardo do massacre de inocentes.

Ele montou outra vez e declarou em voz alta.

— Minha esposa permanecerá aqui com nosso povo enquanto eu cuido de meu dever como um súdito leal do rei.

As pessoas aplaudiram, embora estivesse claro que estavam consternados com o destino que se abatera sobre o conde e a cidade deles. Eles lentamente entraram na abadia, pastoreados pelos monges.

Leofric se inclinou para falar com Wulfram.

— Meu conselho é que você fuja da Inglaterra e encontre um lugar onde Harthacanute nunca pense em procurar. O homem está morrendo de qualquer maneira, então você não precisará se esconder por muito tempo. Há rumores de que ele convocou seu meio-irmão de volta do exílio na Normandia. Edward, o Confessor, provavelmente será nomeado herdeiro do trono, graças à influência da mãe.

Wulfram sorriu, contente com a perspectiva de deixar para trás o tumulto da política inglesa.

— Eu conheço o esconderijo perfeito.



CONGELADA ATÉ OS ossos, Roswitha correu pelo caminho até a abadia, segurando o talismã de âmbar preso em volta do pescoço. Ela rezou para que tudo estivesse bem e ela chegaria a tempo. Ela usava seu único outro bem mais precioso, o xale de sua mãe.

Se Leofric condenasse Wulfram à morte, ela precisava falar por ele, mesmo que isso significasse colocar sua própria vida em risco.

Ao ouvir o barulho dos cascos dos cavalos, ela se escondeu em uma vala atrás de uma moita de arbustos. Um homem que ela reconheceu como o conde galopava à frente de

uma grande tropa de soldados. Ela temia que ele esperasse que Wulfram viajasse com ele para destruir Worcester, mas seu viking não estava entre eles.

Com o coração cheio de dor, ela se apressou, cantarolando sem fôlego uma oração pelas pessoas em Worcester que não haviam escutado.

O pânico ameaçou impedir seu coração. Se Wulfram não estava com Leofric, então talvez já tivesse fugido sem ela. Teria ela deixado tarde demais para recuperar o juízo?

Sem fôlego, os membros congelados doendo, ela parou quando a abadia apareceu. Não havia como voltar a uma vida de degradação e dificuldades com seu padrasto. Ela fez o que conseguira e não guardou nenhuma moeda do mercado de Worcester.

E então ela os viu. Wulfram e Sandor, cavalgando a galope. Na direção oposta.

Ela caiu de joelhos, chamando o Santo Menino e o espírito do talismã para virem em sua ajuda.



Os pais de Wulfram ensinaram-lhe que existem forças em ação no mundo que não poderia ser explicadas pelos mortais comuns. Eles costumavam contar a história de eventos

sombrios e mágicos que haviam testemunhado em primeira mão, anos atrás, na desolada terra árida inglesa de Dartmoor.

Ele prestou atenção, portanto, quando uma voz em sua cabeça sussurrou que Roswitha viria até ele.

Ele parou de repente.

— Espere, Sandor, — ele gritou para seu irmão adotivo. — Ela virá.

Ele se virou, examinando o caminho para a Abadia de Pershore uma última vez. O coração dele ameaçou explodir de seu peito quando avistou Roswitha ajoelhada no chão congelado. Ele incitou Banki ao galope.

Ela se levantou e acenou com os dois braços.

Ele saltou da besta, colocou as mãos no traseiro dela e a ergueu para seu corpo, sem ter certeza se palavras coerentes emergiriam de sua garganta apertada.

— Eu sabia, sabia que você viria.

— Perdoe-me, Wulfram. Eu queria fugir com você, mas estava com medo e achava que era meu dever ficar com meu padrasto. Mas ele não me ama.

— Eu amo você, Roswitha, — ele disse com sinceridade.

Lágrimas brotaram. — Como eu o amo, corajoso Jomsviking. Você é meu presente de Natal.

— Meu beijo é minha promessa de fidelidade para você, Roswitha de Pershore.

Ele a beijou então, exultante quando ela se abriu com apenas um pouco de persuasão e permitiu a entrada da língua dele, sugando alegremente como um bebê chupa o bico de uma mãe. Poderia ela ser uma mulher de paixão, bem

como leal, bonita e corajosa? Seu *pik* pensava assim e se alegrou.

A necessidade de respirar e os gritos urgentes de Sandor os separaram.

— Leofric nos aconselhou a fugir, — ele avisou. — Enfrentaremos uma longa e perigosa jornada até Jomsborg.

A confiança nos olhos verdes dela o impressionou.

— Eu nunca vou estar com medo novamente com você como meu campeão, — ela sussurrou.

Ele a levantou para Banki.

— Por mais que eu tenha amado você no meu colo, vamos progredir melhor se você se agarrar às minhas costas.

Eles rapidamente se juntaram a Sandor e galoparam corajosamente para um futuro que prometia mais do que jamais ousara esperar.

RESPONSABILIDADE

Worcester fora o mais distante de Pershore que Roswitha jamais se aventurara. Não fazia ideia de para onde estavam indo, embora Wulfram tivesse dito que Sandwich era na costa leste. A voz profunda e a cadência do inglês acentuado dele, a fascinavam mais do que os detalhes do navio do qual ele falava com grande orgulho. Ela nunca havia visto o mar ou um navio para falar daquele assunto.

Durante a maior parte da primeira etapa de sua jornada, ela se agarrou a Wulfram, tremendo. A viagem para Worcester foi inquietante. A velocidade com que eles cavalgavam agora era aterrorizante. Ela manteve os olhos bem fechados e não viu nada das cidades e aldeias desconhecidas. Confiar sua vida a um navio parecia um ato de loucura, assim como a perspectiva de morar em uma terra estrangeira com um homem que ela mal conhecia.

O frio intenso acrescentava-lhe a convicção de que deixar Pershore fora um erro. No momento em que pararam para dar água aos cavalos e atender às suas necessidades, ela não conseguiu formar um pensamento coerente ou mover os membros congelados.

Wulfram desmontou e a levantou.

— Eu sou um bruto impensado, — ele murmurou, envolvendo-a em seu abraço.

— Você se sentiu quente contra minhas costas, mas está congelando.

Ela queria tranquilizá-lo de que o calor dele a mantinha viva, mas ela parecia não ter controle sobre a batida dos dentes.

Ele tirou o manto de pele e envolveu-o em volta dela.

— Você logo vai se sentir melhor, — disse ele, esfregando os antebraços dela.

Os cuidados dele e o olhar de preocupação nos olhos dele derreteram o gelo nas veias dela e restauraram a esperança em seu coração. Apenas seus pés permaneciam congelados.

— Encontre um lugar privado nos arbustos, — disse ele com um sorriso. — Eu terei algo para manter seus pés aquecidos quando você retornar.

Ela se afastou no casulo de pele, atordoada pela novidade de ter alguém antecipando suas necessidades. Sua falecida mãe havia tentado o seu melhor, mas Kennald não se importava nem um pouco com o bem-estar dela.

Quando ela voltou dos arbustos, Wulfram a colocou em um enorme tronco caído e se abaixou sobre um joelho diante dela. Tirou as sandálias dela e esfregou os pés um por um. Ela olhou para ele, de boca aberta. Que tipo de homem era aquele viking? Delwyn era a única pessoa que ela conhecia que demonstrava bondade para com qualquer um, e as pessoas diziam que era apenas porque ele possuia um espírito simples.

Ele olhou para cima e a pegou observando-lhe.

— O que há de errado?

Ela se aconchegou mais no manto.

— Ninguém jamais tocou meus pés antes.

Ela estava hesitante em admitir que a pressão dos polegares dele em suas solas estava provocando sensações agradáveis em outras partes ainda mais privadas de seu corpo. Quando ele beijou os dedos dos pés e massageou cada um deles, ela estava perdida em uma enxurrada de desejos luxuriosos.

— Wulfram, — ela sussurrou.

Ele arqueou ambas as sobrancelhas, um brilho de malícia em seus olhos, como se soubesse que ela desejava por ele. — Agora os sapatos, — disse ele. — Foi tudo o que consegui encontrar no momento.

Ela assistiu com admiração, quase se moveu para as lágrimas enquanto ele cuidadosamente envolvia pele de cervos em torno de seus pés e os amarrava com cordões. Ele cortara sua própria calça para fornecer calçados mais quentes.

— Eu sempre achei que os vikings eram brutos, — ela confessou.

Uma sugestão de irritação brilhou nos olhos dele, mas passou rapidamente.

— Bem, você nunca conheceu um Jomsviking antes.

Ele levou-a para Banki e montou.

— Vamos, — ele rosnou para Sandor, que parecia achar alguma coisa divertida.

Ela supôs que parecia estranha com os pés envoltos nas perneiras de Wulfram.



WULFRAM SE PREOCUPOU COM a longa jornada pela frente. Ele e seu irmão estavam acostumados a cuidar de si mesmos e viver da terra. Roswitha levara uma vida difícil, e era sua responsabilidade garantir que ela não apenas sobrevivesse à jornada, mas estivesse tão à vontade quanto pudesse deixá-la. Cuidar de uma mulher era uma responsabilidade nova e incrível, e ele sabia em seu coração que ela era a companheira certa para ele. Pela primeira vez, ele entendeu a afirmação de seu pai de que acalentar uma mulher completava um homem.

Ele e Sandor não tinham intenção de arriscar um encontro com Harthacanute, indo até Winchester para recuperar os poucos pertences que ficaram lá. Eles esperavam que o tempo esquentasse enquanto viajassem para o sul. Se fizessem um bom progresso, ele planejava fazer a viagem de cinco dias, em três. A hospitalidade de outros Jomsvikings que se instalaram em várias partes da Inglaterra seria um presente adquirido.

Depois eles estariam no mar por uma semana. Ele nunca foi um homem para cobiçar as mulheres. Agora que Roswitha

havia capturado o interesse de seu *pik,* ele não conseguia pensar em nada além de levá-la à cama. No entanto, ela era um presente precioso de Deus, trazido a ele naquela sagrada época do Advento. Ele não tinha intenção de pegar a virgindade dela, até que se casassem.

Oito dias próximos testariam sua coragem.



NA PRIMEIRA noite de sua jornada, Roswitha se enrolou no lençol com cheiro fresco, na cama minúscula e olhou as três crianças pequenas dormindo em frente à lareira. Os pais delas insistiram que eles desistissem da cama para ela e eles o fizeram sem reclamar.

Perto dali, Wulfram e Sandor estavam sentados em uma mesa de madeira profundamente entalhada conversando em voz baixa com um homem e uma mulher que aparentemente haviam conhecido antes. Mais cedo, ela havia se sentado na mesma mesa e encheu sua barriga com um delicioso ensopado de coelho.

Wulfram sorria para ela tranquilizador, de tempos em tempos, obviamente consciente de que ela não entendia uma palavra do idioma que falavam. As chamas iluminaram as

linhas esculpidas do rosto dele, rudemente bonito e transformaram seu cabelo claro em um halo brilhante.

Ele explicou que seus anfitriões eram Jomsvikings que se estabeleceram na Inglaterra anos antes, durante o reinado do rei Canuto, mas ela não compreendeu como ele havia encontrado aquela cabana aconchegante na movimentada cidade de Oxford. No entanto, era preferível d que dormir no chão frio e duro.

Ele apenas deu de ombros quando ela perguntou e murmurou algo sobre uma irmandade. Claramente, havia uma rede daquelas pessoas estrangeiras das quais ela não sabia nada e o inquestionável apoio mútuo era surpreendente. Ela vivia em uma comunidade de tecelões de urtiga, mas as pessoas mantinham a si próprias e Delwyn era o único que ajudava os outros. O reinado de Harthacanute tornou a vida muito mais difícil e resultou em uma atmosfera de crescente raiva e desconfiança.

Os ingleses geralmente consideravam os dinamarqueses como pagãos bárbaros, apesar da bem conhecida piedade cristã do pai de Harthacanute. Claro, ela devia se lembrar de que Wulfram não era dinamarquês, mas seu viking e seus compatriotas pareciam levar a sério a mensagem de Cristo de que as pessoas deveriam se amar.

Quando a exaustão fechou seus olhos, ela riu da visão de Kennald brandindo as muletas para qualquer saxão que tivesse a temeridade de procurar abrigo e sustento em seu casebre.

Onde Quer Que Você Vá

WULRAM JÁ CONHECIA todas as famílias de Jomsviking com quem se alojaram.

Roswitha ficou claramente surpresa com o caloroso acolhimento e o caloroso sustento que recebiam todas as noites de sua jornada. Seu coração se encheu de orgulho por ser saudada por um povo que se ajudava mutuamente, independentemente de onde se encontrassem no mundo. Era um ideal cristão que os Jomsvikings haviam seguido por centenas de anos até antes da chegada do cristianismo ao norte.

Ele esperava que Roswitha estivesse começando a entender que seria recebida como sua noiva quando ele a levasse para casa. Ele resolveu começar a ensinar-lhe algumas palavras de sua língua durante a viagem ao Báltico.

Ela não precisava dizer que estava apreensiva em embarcar em um navio. Ele sentiu em sua risada nervosa depois que ele respirou fundo e disse a ela que podia sentir o cheiro do mar enquanto se aproximavam da costa.

Enquanto subiam as docas em Sandwich, ela apertou mais a cintura dele e encostou o rosto nas costas dele.

Ele se absteve de insistir para que ela olhasse para os dois escaleres, embora estivesse impressionado com a visão deles, ainda sãos e salvos, com as tripulações se movendo sobre os conveses.

Vários marinheiros levantaram os olhos quando eles se aproximaram. A notícia se espalhou rapidamente e gritos estridentes logo começaram. Os homens perceberam que a chegada de seus mestres significava que eles estavam indo para casa.

Evidentemente incapaz de resistir, a sempre curiosa Roswitha inclinou-se para um lado e olhou para os navios apinhados de homens animados.

— Maravilhoso, — disse ela com voz rouca.



DEPOIS DE SEIS DIAS de ânsia de náuseas, Roswitha perdeu de vista as razões pelas quais achava que os navios eram maravilhosos. O puro terror de ser jogada nas ondas escuras, sem terra à vista e sua incapacidade de encontrar qualquer tipo de equilíbrio combinado para embelezar seu cérebro e atormentar sua barriga.

Estava certa de que Wulfram se arrependia de tê-la trazido, mas ele a tratava pacientemente enquanto ela

permanecia o dia todo sob o abrigo de lona, embrulhada em peles. Apenas o Banki recebia tanta atenção.

— Uma esposa deve cuidar das necessidades de seu marido, — ela murmurou, sua garganta dolorida.

Ele enxugou a testa febril dela com um pano abençoadamente fresco.

— Você vai, mas eu sou um marinheiro experiente que teve a sorte de nunca sofrer de *søsyge*[4]. É meu dever prazeroso cuidar de você.

Ela tentou sem sucesso memorizar algumas das palavras que ele lhe ensinara, mas nunca esqueceria a palavra *enjoo.*

Toda noite, ele a envolvia em seus braços. Ela olhou para as estrelas, chocada com o quão pouco ela sabia sobre o mundo além dos lagos envolta de Pershore. Quem sabia que havia vastas extensões de águas profundas e que homens manejavam navios com tanta habilidade quanto Kennald tecia a urtiga. Mesmo a agitada cidade de Worcester parecia insignificante quando comparada aos céus estrelados e a um mar que se levava dias e noites para atravessar.

— No próximo dia estaremos em casa, — prometeu Wulfram na última noite.

Por mais maravilhoso que fosse colocar os pés em terra seca novamente, a perspectiva de encontrar os pais dele em seu estado atual não podia ser suportada.

— Eles vão pensar que sua noivo é uma inválida.

Ele balançou a cabeça.

— Todo Jomsviking está bem ciente dos efeitos do *søsyge.* Eles não vão censurar você por isso. Nós vivemos no

mar. Você vai se sentir melhor depois de sair do escaler.



WULFRAM FICOU ALIVIADO quando Roswitha se reuniu a ele quando se aproximaram do porto de Jomsborg. Ele tinha certeza de que ela era a pessoa certa para ele, mas queria que seus pais se sentissem da mesma maneira no momento em que a conhecessem.

— Sinto-me melhor com o rosto lavado e o cabelo penteado, — disse ela.

Provavelmente era mais sensato não responder que ela também parecia melhor.

— Eu espero que eu não tenha machucado você puxando o pente de osso através dos emaranhados.

O primeiro sorriso que ele viu durante dias o tranquilizou. Ele nunca havia penteado o cabelo de uma mulher antes, e ansiava por passar os dedos pelas madeixas de Roswitha todas as manhãs.

Eles ficaram juntos na proa, o braço em volta dos ombros dela. Ele sorriu quando as torres gêmeas dilapidadas que guardavam a entrada do porto apareceram.

— Há rumores, ao longo dos anos, de que vão consertar as catapultas arruinadas no topo — disse ele, — mas nada

vem a acontecer. Alguns escaleres bem armados contribuem para um melhor impedimento contra ataques.

— Então, por que manter as torres? — Perguntou ela.

— Nostalgia, suponho. Elas são um marco, um sinal certo de que chegamos em casa. E eu aposto que quase todos os Jomsviking desde tempos imemoriais subiram ao topo.

— Incluindo você? — Ela engasgou.

Ele assentiu.

— E meu pai e minha mãe antes de mim.

— Sua mãe? — Ela exclamou.

Ele riu.

— Você vai entender quando a conhecer. Ela costumava ser uma assassina, um membro da *dodeka*[5] do rei Canuto.

Quando a cor sumiu do rosto de Roswitha, ele temeu que seu entusiasmo em voltar para casa pudesse tê-lo roubado de seu bom senso. Este dificilmente era o momento de deixar escapar uma coisa dessas.

— Mas ela não matou ninguém há algum tempo, — brincou ele, — pelo menos até onde eu sei.

Roswitha ficou boquiaberta olhando para ele, mas ele viu o momento em que ela percebeu que ele estava provocando. A cor voltou para suas bochechas e ela sorriu.

— Talvez eu suba em uma dessas torres — ela se gabou.

— Você vai precisar de um calçado melhor, — ele replicou.

Ela olhou para as amarras de couro desgastadas e desatou a rir.

— Eles são tão confortáveis que eu esqueci.

Os remadores gritaram alto enquanto puxavam os dois barcos compridos entre as torres. De pé na proa do seu próprio navio, Sandor levou as mãos à boca e gritou:

— Bem-vinda à nossa pátria, Roswitha de Pershore.

— Obrigada, — ela gritou de volta.

Wulfram segurou as nádegas dela e pressionou seu necessitado *pik* ao corpo dela.

— Tenho que confessar que Sandor e eu não nascemos em Jomsborg.

Franzindo a testa, ela olhou nos olhos dele.

— Mas eu pensei…

— Nós dois nascemos na Inglaterra. Eu era um bebê de braços quando minha mãe me trouxe para nos reunirmos com meu pai, mas Sandor era um menino de sete anos. Meus pais o adotaram depois que os dele foram mortos. No entanto, eu prometo que Jomsborg vai se apossar do seu coração, assim como aconteceu conosco. Você nunca vai querer sair daqui.

Ela assentiu.

— Meu lugar é com você. Onde quer que você vá, eu irei.

JOMSBORG

ALI ERA TANTA atividade, no movimentado porto de Jomsborg, Roswitha que não sabia para onde olhar primeiro.

— Deve ter mais de cem navios aqui, — disse ela, maravilhada com a maneira como a tripulação do Wulfram navegava habilmente entre os navios.

— Mais perto de duzentos, — ele respondeu. — Meu pai garantiu que estivéssemos sempre preparados.

Como ele previra, o porto protegia-os dos ventos de inverno e fazia com que parecesse mais quente.

— Eu quero colocar minhas próprias sandálias de volta antes de encontrarmos seus pais.

— Como quiser, — ele respondeu. — É uma viagem curta até a fazenda deles.

Ela franziu a testa.

— Eles são fazendeiros? Eu pensei que seu pai fosse o governador?

— Ele é, mas todos os vikings são agricultores de coração. Devemos cuidar da terra se quisermos que ela dê frutos.

Uma preocupação estava aninhada.

— As urtigas crescem aqui?

Ele riu.

— Sim, e nós tecemos urtiga, ou pelo menos nossos escravos fazem. — Ele pegou as mãos dela e roçou beijos sobre os nós dos dedos. — Você nunca vai sofrer a ardência das plantas novamente.

Ela sentia pena de quem quer que fossem aqueles escravos, mas seria interessante ver se eles usavam os mesmos métodos que Kennald. A imagem do padrasto tecendo fugiu de seus pensamentos, no entanto, quando ela percebeu um número crescente de pessoas acenando da costa. — Eles reconheceram o seu navio, — disse ela.

— *Ja*[6], — ele respondeu, um rubor mostrando-se através da barba em seu rosto.

— Eles estão felizes em ver você voltar em segurança.

O navio de Sandor atracou primeiro. Uma multidão de homens e meninos excitados reuniu-se ao redor do irmão de Wulfram quando ele saltou na praia.

Suas entranhas se amarraram. Eles acolheriam Wulfram com igual entusiasmo, mas o que pensariam da mulher de aparência doente e maltrapilha que ele trouxera para casa?

Quão tola ela fora não perceber o abismo que se abria entre eles. Wulfram era o filho de uma família nobre; ela era uma camponesa ignorante que colhia ervas daninhas.



SENTINDO A ANSIEDADE DE ROSWITHA, Wulfram a pegou, determinado a assegurar-lhe seu compromisso. Eles pisariam em terra juntos.

Ela estava frágil em seus braços, muito frágil. Ele suspeitava que a fome havia sido uma constante na vida dela e a viagem a enfraquecera ainda mais. Ele silenciosamente amaldiçoou Harthacanute pelos danos causados no reino outrora próspero do rei Canuto. Ele esperava que Edward, o Confessor, fosse um monarca melhor se ele ganhasse o trono.

Com o navio ancorado com segurança, ele apoiou as pernas na prancha pelo lado. Roswitha se agarrou ao pescoço dele, os olhos bem fechados quando o barco balançou inesperadamente.

Ele estava grato pela mão forte de Sandor em seu cotovelo.

— Eu pensei que você estaria correndo para ver Inga.

— E não conseguir ver seu grande anúncio?

Ele estava feliz por seu irmão estar ao seu lado no cais enquanto proclamava à multidão animada:

— Eu trouxe uma noiva para casa. Por favor, ofereçam um caloroso Jomsborg de boas-vindas a Roswitha de Pershore.

O barulho ensurdecedor dos aplausos trouxe um sorriso tímido ao rosto de Roswitha. Ela não falava a língua dele, mas o alívio óbvio pela recepção calorosa causou o efeito previsível em sua estima.



As calorosas boas-vindas que recebera nas docas levantaram o ânimo de Roswitha, mas quando a fazenda da família de Wulfram apareceu, ela pensou em saltar do cavalo e fugir.

— Seus pais vão pensar que você trouxe para casa uma vagabunda, — disse ela, segurando o talismã de âmbar em volta do pescoço como se pudesse transformar magicamente suas roupas esfarrapadas em ricas sedas.

Ele desacelerou Banki.

— Considere isso, — respondeu ele. — Hoje celebramos o nascimento de Cristo em um estábulo. A mãe dele o envolveu em panos esfarrapados.

Ela inspirou profundamente quando seu coração acelerado se acalmou.

— Em toda a excitação da jornada, eu perdi a noção dos dias.

— E eu estou trazendo um presente de Natal muito importante para meus pais, algo que eles queriam há anos. Eles verão em você as mesmas coisas que eu vejo. Coragem, inocência, determinação.

— Não importa que eu não seja de uma família rica?

— Meus pais acreditam que toda pessoa tem como alma gêmea, alguém com quem eles estão destinados a passar a vida. Você é meu destino, Roswitha. Eu sabia disso no momento em que nos conhecemos.

Sentindo-se mais positiva sobre a reunião iminente, ela assentiu enquanto ele controlava Banki no pequeno pátio.

GAROTA DE SORTE

Um bando de homens, mulheres e crianças animados apareceu no pátio momentos depois que eles chegaram. Como Wulfram esperava, os filhos de Sandor foram os primeiros a perceber quem voltara para casa. Gritando de prazer, eles correram para abraçar o pai quando ele desmontou. Ele os reuniu, rindo dos beijos que choveram em suas bochechas.

Inga não estava muito longe. Ela quase voou para o marido, imediatamente advertindo-o por ficar longe por muito tempo e soluçando o alívio que ele havia retornado sã e salvo.

A visão de Sandor se deleitando com o amor de sua família costumava provocar uma pontada de inveja no peito de Wulfram. Agora, quando ele colocou as mãos na cintura de Roswitha para ajudá-la a desmontar, o sorriso dela encheu sua mente com uma perspectiva estimulante para o próximo Natal que ele poderia estar segurando seu próprio bebê, se Deus quisesse.

— Não é de admirar que Sandor fale da família o tempo todo, — disse ela.

Ele a levantou de Banki, mas a pegou em seus braços.

— Eu vou ser pior, — ele confessou. — Todo o Jomsborg vai se cansar de ouvir sobre minha linda esposa e meus filhos

esplêndidos.

Ela corou lindamente e beijou-o nos lábios, mas o que quer que ele fosse dizer em resposta foi interrompido pela voz rouca do pai gritando seu nome.

— Meu *fader*[7], — explicou ele, segurando-a rápido quando ela se contorceu para se livrar do abraço dele. — Não se preocupe. Ele pode parecer feroz, mas ele e minha mãe ficarão satisfeitos por eu ter trazido para casa uma esposa.



ROSWITHA NÃO TINHA lembrança do homem que seria seu pai e suspeitava que ele e a mãe dela nunca tivessem sido casados. Kennald fora seu padrasto por tanto tempo quanto se lembrava, e não conseguia se lembrar de uma época em que não tivesse temido a imprevisível intimidação dele. A noção de um pai amoroso era estranha à sua experiência, mas ela reconhecera o amor e o respeito de Wulfram por seus pais. Aterrorizada de medo que eles a rejeitassem como companheira inadequada para o filho, ela orou silenciosamente para que tudo corresse bem, como Wulfram prometera.

Outra opção não poderia ser suportada. Retornar à Inglaterra e à vida que ela levara em Pershore não era uma

opção. Vivendo em uma terra estranha sem o amor e apoio do homem por quem ela se apaixonara perdidamente... a morte seria preferível.

A voz de Wulfram invadiu seus terríveis pensamentos.

Trouxe-lhe um presente de Natal, *fader.*

Ela gritou quando, sem aviso, ele a atirou nos braços do pai.

— Roswitha é minha noiva.

Consciente de que seu rosto estava em chamas, ela arriscou um sorriso, tranquilizada pelo brilho de diversão naqueles olhos tão azuis quanto os de Wulfram.

— Minha honra, — ela murmurou.

Seu futuro pai pelo casamento riu calorosamente.

— Bem vinda, filha. Audra insistiu que nosso filho encontraria uma esposa na Inglaterra, assim como eu fiz.



ASSIM QUE seu nome foi mencionado, a mãe de Wulfram correu para fora da mansão. Para sua diversão, ela parou por um momento, aparentemente confusa com a visão de seu marido carregando uma jovem corada.

Wulfram abriu os braços e sorriu. Rapidamente ocorreu a sua mãe que ele trouxera para casa uma futura noiva. Ela

enxugou os olhos com um lenço enquanto voava para o abraço dele.

— É bom ver meus dois filhos retornando em segurança. Nós nos preocupamos. E você trouxe alguém especial.

Sandor foi abraçar sua mãe adotiva, com um de seus filhos empoleirado nos ombros, o outro agarrado à perna.

— Você pode agradecer a Harthacanute por nossa longa ausência, — explicou ele.

Wulfram colocou as mãos nos ombros da mãe e virou-a para encarar o pai.

— No entanto, eu não teria conhecido Roswitha se não fosse pelo rei.

Sorrindo, ela segurou o rosto de Roswitha em suas mãos.

— Bem vinda, filha. Você é uma garota de sorte. Nem toda donzela encontra um marido bonito e nobre como meu filho.

RITUAIS ANTIGOS

NAQUELA manhã eles estavam para se casar, Wulfram pacientemente explicou algumas das tradições do casamento Viking que as pessoas de Jomsborg ainda respeitavam.

— Somos cristãos agora, — disse ele a Roswitha, — mas nos apegamos a muitas das tradições antigas.

Desde que conhecera Wulfram e a família dele, ela percebera que muitas das noções que ela possuia sobre o povo nórdico eram falsas. Eles não eram pagãos bárbaros, como Kennald alegara. No entanto, ela ficou aliviada ao saber que seu casamento seria abençoado pela Igreja.

— Você e eu temos sorte, — disse Wulfram. — Às vezes, pode levar anos para que as famílias viking negociem com sucesso um contrato de casamento.

— Anos? — Perguntou ela.

— A maioria dos casamentos está organizada para trazer alianças estratégicas, — ele respondeu com um sorriso. — Devo avisá-la, que alguns Jomsvikings ficarão irritados porque o filho do governador não está se casando com uma de suas filhas.

Ele fez pouco disso, mas Roswitha sentiu a diferença entre os status agudamente.

— Eu não sou digna de você, — ela murmurou. — Seus pais esperavam por um melhor casamento.

Ele elevou o queixo dela para olhá-lo.

— Não há uma donzela em todo o Jomsborg que deixe meu coração e meu corpo em chamas como você. Minha mãe e meu pai querem que eu seja feliz, mais do que eles procuram fazer alianças. Eles se amam e esperam o mesmo para mim.

Ele tocou o círculo prateado na cabeça dela.

— Você viu como a minha mãe ficou emocionada ao lhe dar esta *krans*[8]. Você é a filha que ela nunca teve e ela confessou que forçou o ourives a fazer isso em tempo recorde.

A *krans* era outra tradição nórdica que Roswitha havia aprendido. Toda donzela usava uma. Ela foi informada para mantê-la na cerimônia do banho mais tarde naquela manhã.

O banho foi outra novidade. As pessoas em Pershore poderiam tomar um mergulho de verão no rio, ocasionalmente. Jomsvikings parecia obcecado com a limpeza e ela havia começado a gostar do mergulhar diário na banheira comunal da família, cheia de água quente, uma vez que ela superou o constrangimento de se despir na frente de sua futura mãe por casamento.

Audra falou incessantemente sobre os banhos que ela e Sigmar haviam desfrutado em uma antiga vila romana na Inglaterra. A promessa de Wulfram de que eles se banhariam depois de casados conjurava imagens lascivas que a faziam transpirar apesar do frio do inverno.

À medida que a hora da cerimônia de banho se aproximava, ela ficou nervosa. Audra e Inga estavam claramente empolgadas. Wulfram ficou com um olhar melancólico em seu rosto quando ele se despediu dela antes das três mulheres entrarem na casa de banho, seguidas pela recém-adquirida empregada de Roswitha.

Ainda não acostumada a ter uma criada, Roswitha começou a tirar as roupas, mas Inga a puxou com a mão.

— Shella vai despi-la, — explicou Audra. — Isso faz parte do ritual para simbolizar a entrega de sua virgindade ao meu filho.

Embora ela tivesse amado sua mãe, Roswitha nunca havia falado de tais intimidades com ela. Ela começou a se sentir aceita.

As outras mulheres tiraram suas próprias roupas enquanto Shella a despia lentamente até que tudo o que restava fosse a coroa de prata e o talismã de âmbar. Seu instinto era cobrir os seios, mas Shella gentilmente afastou os braços dela.

Ela levantou o queixo, ciente de que as outras mulheres estavam inspecionando-a.

Audra sorriu ao endireitar a argola em volta da testa de Roswitha.

— Perfeito, — declarou ela, aparentemente satisfeita.

A esposa de Sandor abriu uma porta de madeira que Roswitha não havia notado antes. Uma onda de calor rugiu de uma pequena câmara adjacente. Shella levou uma tigela de água da banheira e jogou-a em uma pilha de pedras.

Enquanto as nuvens de vapor subiam, Audra conduziu todas para dentro da sala e fechou a porta.

O calor tirou o fôlego de Roswitha e ela ficou contente com a pausa enquanto elas se sentavam em silêncio por longos minutos.

— Agora, — Audra disse suavemente. — Vamos discutir o que você precisa saber para estar preparada para o leito conjugal.



AJOELHADO NO buraco profundo que ele cavara, Wulfram deveria estar se concentrando na busca pela espada ancestral, mas não conseguia tirar sua mente do que ele imaginava que estivesse acontecendo na casa de banhos. Roswitha estaria nua agora, provavelmente na sala de vapor, gotas de suor saindo por todo o seu corpo magro. Ele lambeu os lábios e provou o sal do seu próprio suor.

— Continue cavando, irmão, — Sandor pediu com um sorriso irritante.

Ele olhou para o fraco sol de inverno.

— Você precisava enterrá-la tão profundamente?

— Seja grato por não precisar desenterrar a espada do seu avô do seu verdadeiro túmulo, — interveio o pai.

Isso era verdade. Wulfram não queria se aventurar no túmulo de Fingal. Limpar a sujeira de um buraco cavado e preenchido pelos escravos de seu irmão adotivo era preferível a um túmulo fechado dez anos atrás, após a morte de seu avô materno. Algumas das tradições antigas era melhor serem deixadas no passado.

Depois do que pareceu horas de trabalho, ele viu o canto de um pedaço de tecido. Ele raspou a sujeira restante da espada embrulhada e segurou-a no alto.

— Finalmente.

Sandor pegou a espada.

— Agora, saia da *sepultura.*

Olhando para os homens sorridentes que estavam ao redor da extremidade da tumba simbólica, Wulfram, de fato, tinha a sensação de que estava *morrendo* para sua antiga vida como solteiro e renascendo como um homem casado. Talvez tivesse algum significado nos antigos rituais, afinal.

Respirando pesadamente, ele se levantou e desabou no chão gelado.

Seu pai lhe ofereceu uma mão para ajudá-lo a se levantar, depois embarcou em uma versão abençoadamente curta de seu pai morto. Falou da linhagem e da história do casamento, incluindo que Fingal matara o próprio pai de Sigmar durante um acalorado desentendimento. Wulfram conhecia o conto de cor e entendia a importância do perdão. Ele apreciava ser um descendente de uma longa linha de Jomsvikings. Então vieram as palavras que ele desejava ouvir.

— Vá ao balneário para a próxima parte da cerimônia.

Sandor piscou.

— Onde vamos compartilhar com você tudo o que aprendemos sobre agradar uma mulher.



CADA VEZ QUE O vapor clareava um pouco, Shella buscava outra tigela de água para atirar nas pedras aquecidas.

— Eu nunca suei tanto na minha vida, — Roswitha admitiu com vergonha, deslizando a mão ao longo do brilho de transpiração em seu braço.

— Esse é o propósito, — disse Audra. — É para simbolizar a lavagem da sua condição de donzela. — Ela levantou alguns ramos. — Isso vai ajudar.

Um nó de medo se apertou na barriga de Roswitha. Ela piscou para afastar a umidade em seus cílios e olhou boquiaberta para o feixe de galhos. — Er...

— Não se preocupe, — assegurou Audra. — É feito de bétula e não é doloroso. Isso fará você suar mais.

Cinco minutos depois, Roswitha teve que concordar que a leve ardência do vidoeiro em sua pele aquecida era estranhamente prazerosa. Ela começou a sentir tontura, rindo junto com as outras enquanto o vapor limpava seus corpos. A apreensão fugiu. O ritual a libertara de suas

inibições. Ela ficou quase desapontada quando Audra baixou os galhos e declarou:

— Agora, você está pronta para aprender como agradar seu marido no leito conjugal.

Shella imediatamente saiu da pequena câmara.

Com o coração saltando, Roswitha entrou em um novo mundo. As mulheres cuja família ela estava prestes a se juntar compartilhavam intimidades sobre os homens e seus corpos. Eles falavam da união sexual como se fosse uma experiência sagrada. Ela engoliu o nó na garganta com a lembrança da degradação de sua mãe nas mãos de Kennald. Não havia nada sagrado nos acoplamentos que deixaram sua mãe chorando baixinho.

Wulfram não era Kennald. No entanto, ela estava apreensiva sobre sua noite de núpcias. Agora ela se sentia melhor preparada. Imagens anteriormente proibidas dançaram por trás de seus olhos e ela mal percebeu quando Shella retornou e começou a ensaboar seu corpo com sabonete adocicado.

— Lavanda — ela sussurrou sonhadora, tremendo um pouco quando a criada a pegou pela mão e a levou para fora da câmara de vapor.

— Hora de lavar a sua vida antiga, — disse Inga.

Audra levantou a argola da cabeça dela e ajudou-a a mergulhar na banheira.

A água esfriara e parecia gelo em sua pele superaquecida. Ela gritou, mas logo se juntou ao riso estridente das outras mulheres ofegantes.

Pouco tempo depois, sendo secada por Shella, Roswitha deixou a casa de banho envolta em uma toalha volumosa, com o cabelo molhado amarrado em algum tipo de turbante de linho. Ela parou na porta.

— Minhas roupas, — disse ela.

— Eles são parte da sua antiga vida, — respondeu Inga. — Você não vai precisar delas novamente.



DURANTE TODA A SUA VIDA, Wulfram se deleitara na banheira comunal e gostara da câmara de vapor.

Esta ocasião foi diferente. Sua noiva havia sido ritualmente preparada para o casamento naquele mesmo lugar, pouco tempo antes. Ele inalou profundamente o cheiro dela que permanecia no ar úmido, junto com outros aromas herbários que ele não sabia nomear.

Ele passou o feixe de ramos levemente sobre o suor dos ombros, ciente de que recentemente ele beijara a pele de Roswitha.

Ele se encolheu quando Sandor pegou o feixe e bateu com força nas costas dele.

— Coloque um pouco de força nisso, — seu irmão adotivo admoestou com um sorriso.

— Sejam sérios, — o pai deles retrucou com entusiasmo quando começaram a lutar pelo feixe. — Estamos aqui para transmitir nosso conhecimento, não para nos envolver em brincadeiras.

Wulfram estava deitado no banco de madeira, cruzou os tornozelos e cruzou os braços sobre o peito. Ele esperava que Sandor se vangloriasse de sua destreza na cama e que não o mandasse dormir. Ele já ouvira tudo aquilo antes.

Uma hora depois, a explicação paciente de seu pai sobre como agradar uma esposa dentro e fora do quarto produzia uma excitação furiosa. Ele supôs que deveria ficar chocado ao saber que seus pais haviam se entregado a tais intimidades, mas Sigmar falou de sua esposa com uma reverência que era humilhante. Sandor também falou baixinho da alegria a ser encontrada em compartilhar uma união sexual mutuamente satisfatória com uma mulher.

Rezando para que ele e Roswitha pudessem um dia transmitir o conhecimento do amor que compartilhavam, ele decidiu renunciar ao tanque comunal em favor de correr pelo aterro atrás do balneário e mergulhar na água gelada do rio.

THOR e SIF

ROSWITHA SENTOU-SE PACIENTEMENTE enquanto Shella secava o cabelo dela. Ela manteve os olhos bem fechados, com medo de que, se os abrisse, se encontrasse de volta ao abrigo de Kennald, desviando-se dos golpes das muletas.

Ela nunca gostara ou confiara no padrasto, mas Deus lhe trouxera tantos presentes maravilhosos naquela época natalina, que ela achava certo rezar para que as pernas dele se curassem rapidamente e que ele encontrasse uma maneira de pagar seus impostos.

Wulfram havia lhe contado sobre a doença de Harthacanute e ela esperava um rei melhor para o povo da Inglaterra quando ele morresse.

Ela passou as mãos sobre o fino linho da roupa tradicional de casamento que recebera, só para ter certeza de que ainda estava em Jomsborg.

— Abra seus olhos, — Audra sussurrou. — É hora da coroa.

Houve muita conversa na casa sobre a coroa nupcial. A coroa de uma noiva era uma herança de família passada de uma geração para a seguinte. A que Roswitha usaria pertencia a Audra. Os pais de Wulfram haviam se casado na

Inglaterra, mas renovaram seus votos quando voltaram para Jomsborg.

Roswitha esperava uma coroa de flores de jasmim de inverno ou algo parecido e ficou completamente surpresa quando abriu os olhos. Shella segurava uma coroa alta de ouro com pedras preciosas azuis, próprias para uma princesa.

Ela ficou boquiaberta quando Audra pegou a coroa das mãos da empregada e se aproximou dela.

— Este é o último dia em que você vai usar o cabelo solto e descoberto em público, — disse ela enquanto aninhava a coroa pesada no topo da cabeça de Roswitha.

— Tenho medo de me mexer, — ela murmurou.

— Não se preocupe, — respondeu Inga. — É só para a cerimônia. — Ela entregou a Roswitha a argola de prata e um grande pedaço de seda. - Seu último dever como donzela é embrulhar a *krans* e mantê-la segura para sua própria filha.

As mãos de Roswitha tremeram quando ela obedeceu, e Audra, de olhos marejados, foi em seu socorro.

— Deixe-me ajudar.

A *krans* embrulhada foi confiada a Shella, que a levou embora.

Sorrindo largamente, Inga beijou Roswitha em uma bochecha e depois na outra. Audra fez o mesmo antes de anunciar que era hora de seguir para o bosque onde a cerimônia de casamento começaria.

Roswitha procurou alguma maneira de expressar sua gratidão.

— Eu não sei como lhe agradecer, — ela admitiu.

— Você ama meu filho, — respondeu Audra. — Ele não teria lhe dado o talismã de âmbar se ele não a amasse. Isso é tudo o que eu preciso. Hoje é a Festa da Epifania[9], que é auspiciosa, e é também o Dia de Frigga[10], então a deusa do casamento vai sorrir em sua união.

Essa mistura de culturas cristãs e pagãs era estranha à educação de Roswitha, mas ela não viu nenhum mal naquilo. De fato, ocorreu-lhe que os Jomsvikings eram mais devotos do que a maioria dos ingleses que ela conhecia.

O filho mais velho de Inga apareceu, carregando a espada que Roswitha apresentaria a Wulfram como seu presente de casamento. Ela sabia que Sandor a havia encomendado especialmente com a altura de seu irmão adotivo em mente, insistindo jovialmente que ele estava feliz em fazê-lo desde que ela estava tirando a responsabilidade por Wulfram fora das mãos dele.

Depois que Inga a ajudou a se levantar da cadeira, ela seguiu Ingmar. O rapaz liderou a procissão, a espada levada nos braços estendidos. Eles saíram da *haus*[11] e desceram a encosta até o bosque onde Wulfram esperava.

Ela estava quase tão preocupada que o garotinho soltasse a enorme espada como estava de que a pesada coroa caisse de sua cabeça.

Quando avistou Wulfram em seu traje de casamento, os pensamentos de espadas e coroas fugiram. Tudo o que importava era o honrado guerreiro que sorria quando se virou e a viu. Ela estava prestes a se casar com um homem que

arriscara a ira de um rei para poupar um conde inglês do tormento de matar seu próprio povo. Ele salvou a vida de inúmeras pessoas que ele não conhecia e uma que ele conhecia: ela.



WULFRAM DE REPENTE SABIA exatamente como Thor se sentira quando estava prestes a se casar com Sif, a deusa da terra de cabelos dourados.

O corpete vermelho elaboradamente bordado, as longas saias pretas e vermelhas, o avental de linho, o cabelo encaracolado e a magnífica coroa combinaram para fazer Roswitha parecer uma verdadeira Jomsviking.

Mas, em seu coração, ele estava feliz por ela não ser. Sua noiva poderia não ser de nascimento nobre, mas ela trouxe sangue novo para o sangue inglês de sua família. Jomsborg precisava de novas pessoas e das ideias que eles traziam de outras partes do mundo. Tendo viajado extensivamente, seus pais reconheceram isso e seu pai havia encorajado a imigração. Mas havia muitos que se opunham aos planos dele, pessoas que achavam que Jomsborg deveria permanecer isolado.

Ele segurou o cabo do machado simbólico enfiado no cinto, desejando, como Thor, que ele pudesse simplesmente reprimir os opositores que condenariam sua terra natal a murchar e morrer.

Ele encheu os pulmões. Este não era o momento nem o lugar para se preocupar com aqueles assuntos. Quando ele pegou a mão quente de Roswitha, seu pai acenou para o ancião que estava pronto para presidir a cerimônia de abertura.

Dag invocou a presença dos deuses e deusas. Os pensamentos de Wulfram derivaram para gerações de seus ancestrais que deveriam ter estado naquele mesmo bosque, pedindo a bênção dos deuses. Seus pais haviam renovado seus votos naquele mesmo lugar.

Ele arriscou um olhar para a noiva, imaginando o que ela achava dos rituais pagãos. Ela acariciou o polegar na palma da mão dele, aparentemente sentindo que ele estava olhando para ela. Até o leve toque o estava despertando. Ele apertou a mão dela, desejando que pudessem parar com a cerimônia e ir à cama. Se ele não controlasse sua vontade de juntar seu corpo ao de Roswitha, ele nunca conseguiria passar pelo banquete.

Dag começou o ritual do sacrifício. Wulfram havia explicado a sua noiva que muitas vezes uma cabra era sacrificada a Thor, ou uma porca a Freyja. Ele também lhe assegurou que o sacrifício seria simbólico, sem sangue derramado, mas ele não havia dito a ela que havia escolhido uma égua de raça pura em homenagem a Freyr.

Os olhos dela se arregalaram de prazer quando Sandor levou o animal magnífico para o bosque. Wulfram ansiava por ensiná-la a montar na fera. Aquela perspectiva trouxe mais dos pensamentos luxuriosos que ele estava tentando suprimir.

Ele estava contente com a diversão quando Dag o chamou para oferecer a Roswitha sua espada ancestral. Ele desafivelou a bainha e orgulhosamente colocou a arma nos braços estendidos dela. Ele já havia contado a história de Fingal. Ela sorriu e acenou com a cabeça, depois entregou a arma para Inga. — Guarde bem para o meu filho, — ela disse claramente em Norse quase impecável.

Ele temia que seu coração disparasse e suspeitava que sua mãe fosse a responsável.

Roswitha se virou para Ingmar, pegou a espada que ele carregava e segurou-a bem alto.

— Meu presente para você, marido, — anunciou ela.

Sandor deu um passo à frente e ajudou a apertar a nova bainha. Wulfram puxou a espada e segurou-a bem alto. O peso e a qualidade da arma deixavam poucas dúvidas na mente de Wulfram de que seu irmão adotivo havia supervisionado cada etapa de sua fabricação. Enquanto ele assentia com gratidão, Sandor colocou dois anéis no cabo.

Wulfram se virou e ofereceu-a a sua noiva.

Depois que ela deslizou os dois anéis do punho, ele devolveu a espada à bainha.

Ela pegou a mão dele e colocou o anel maior em seu dedo, então ele fez o mesmo na dela. Ele esperava que ela

ficasse nervosa, mas ele era o único tremendo.

— A união da espada e dos anéis enfatiza a sacralidade do pacto entre um homem e sua esposa, — anunciou Dag. — Agora podemos prosseguir para a capela, para os votos cristãos.



ROSWITHA ATRAVESSOU a capela no braço de Wulfram, certa de que no coração ela já era a esposa dele. Ela pensara que o rito cristão seria o passo necessário para fazê-la se sentir assim, mas não havia dúvida de que as divindades pagãs de Wulfram haviam sorrido na bela cerimônia. Ela sentiu a presença benigna.

O padre sorridente estava claramente encantado por conduzi-los em seus votos, e a voz profunda de Wulfram penetrou em seu núcleo, prometendo amar e honrá-la todos os dias de suas vidas.

Ao contrário de suas expectativas, ela estava mais nervosa na capela do que no bosque. Wulfram parecia mais à vontade, apertando a mão tranquilizadoramente enquanto ela gaguejava os votos.

— E nesta auspiciosa Festa da Epifania, eu declaro que vocês são marido e mulher.

Wulfram a beijou, gentilmente a princípio, depois com fome, mergulhando a língua em sua boca, levantando-a para seu corpo rígido. Ela chupou- o com avidez, esperando que os deuses e deusas nórdicos tivessem conseguido espiar na pequena capela para vislumbrar a felicidade deles.

PARA ABENÇOAR a NOIVA

ELES CAVALGARAM EM um ritmo lento até a casa na égua sacrificial, a família e os convidados arrastando-se atrás.

Roswitha sentou-se na sela à frente dele.

Wulfram temia que sua noiva inglesa se sentisse desconfortável com alguns de seus costumes, mas o sorriso radiante e as bochechas rosadas indicavam que ela gostara de todo o ritual.

— Você parece feliz, — disse ele.

— Estou muito feliz, — respondeu ela. — Mas eu ficarei feliz em tirar essa coroa da minha cabeça.

— Eu gostaria que pudéssemos simplesmente escapar para o nosso quarto, — ele confessou. — Eu quero fazer você minha em todos os sentidos.

— Mas sua mãe passou tanto tempo ensinando-me sobre minhas responsabilidades de esposa na festa que ficará desapontada se não aparecermos.

Ele riu.

— Compreendo. Meu pai colocou meus deveres na minha cabeça, a que ele provavelmente ameaçará cortar se eu não cumprí-los.

Um garoto tomou as rédeas quando eles chegaram. Wulfram desmontou e levantou Roswitha.

— Nós precisamos esperar até que todos tenham entrado, então eu carrego você acima do limite.

Ela assentiu, segurando a coroa enquanto ele a segurava em seus braços. — Nós temos a mesma tradição na Inglaterra. É uma má sorte para uma noiva tropeçar no peitoril.

Eles foram recebidos com aplausos e encorajados a caminhar até o tablado no centro do refeitório, depois de ele a ter levado com segurança ao elevado da soleira da porta. Ele colocou sua esposa ao lado do limiar principal da casa e tirou o machado do cinto.

— Insira profundamente, — vários gritaram.

— Vamos ver do que você é feito, Wulfram Sigmarsen, — outros gritaram.

Roswitha franziu a testa e duvidou que a mãe dele tivesse explicado aquele costume em particular.

— Quanto mais fundo eu insiro, o... — ele mexeu as sobrancelhas e segurou sua masculinidade.

Sua esposa corou ferozmente, para grande diversão da multidão.

Ele apoiou as pernas, apertou a mandíbula e girou o machado na madeira do telhado. Houve uma ingestão de fôlego quando a casa tremeu, então um rugido ensurdecedor ameaçou derrubar o teto em torno de suas orelhas.

— Longa vida e muitos filhos.

— Cuidado, Roswitha.

— Nunca vi tal empuxo.

Um pouco surpreso com sua própria coragem e duvidoso que alguém fosse capaz de tirar o machado do corte profundo que fizera, Wulfram o deixou incrustado na madeira estilhaçada e sorridente acompanhou sua noiva até a mesa alta.



Incentivada pelo sorriso de Audra, Roswitha respirou fundo, agarrou as duas alças da taça de prata que estava sobre mesa alta e levantou-a. Rezando para que ela não derramasse nada do hidromel, preparou-se para recitar o verso formal que lhe ensinaram.

Um silêncio caiu. Todos sabiam que ela ainda estava aprendendo a língua deles.

As palavras fugiram de sua memória, até que ela olhou para as profundezas azuis dos olhos de Wulfram.

Ale eu lhe entrego, amado guerreiro,
Com força e honra misturadas,
e misturada com músicas mágicas e poderosas
Cantada pelos skalds.

Murmúrios de aprovação flutuaram no ar quando ela passou a taça para as mãos dele.

— Eu consagro este hidromel a Thor, — ele anunciou, — e ofereço um brinde a Odin.

— Para Odin, — ecoou pelo corredor enquanto ele bebia, nunca tirando os olhos do rosto dela.

Quando ele passou a taça para ela, ela ofereceu o brinde necessário para Freyja, em seguida, tomou um gole da bebida doce.

Quando ela colocou a taça na mesa, o pai de Wulfram levantou a mão para pedir silêncio em meio aos aplausos.

— Bebendo juntos, — declarou ele, — meu filho e Roswitha são feitos um para o outro, aos olhos da lei e dos deuses. Eles afirmaram seu novo parentesco. Beberão hidromel desta taça por quatro semanas inteiras, pois todos nós conhecemos o mel e as abelhas que o produzem são símbolos da fertilidade e da cura.

Wulfram pegou a mão dela e a ajudou a se sentar.

— Você sabe o que vem a seguir? — Ele perguntou.

Ela assentiu.

— O martelo.

Ele beijou os nós dos dedos dela e piscou.

— Você notará que os Jomsvikings são bons em fertilidade.

Antes que ela pudesse responder, Dag se aproximou, precisando de ambas as mãos para carregar uma grande réplica do martelo de Thor.

— Traga o Martelo para abençoar a noiva, — ele entoou, passando a réplica para Wulfram.

Seu coração acelerou quando o marido aninhou a cabeça do martelo contra o seu *pik*.

— Em nome de Frigga, nosso casamento está marcado — disse ele com voz rouca.

Embora ele continuasse a suportar a maior parte do peso do martelo, o poder simbólico do gesto despertou uma necessidade profunda no ventre dela.



WULFRAM RECONHECEU O desejo ardente nos olhos verdes de Roswitha e intensificou seu próprio anseio de fazê-la sua. No entanto, o banquete e a alegria mal haviam começado.

— Paciência, — ele sussurrou, entregando o martelo de volta para Dag. — Eles esperam que fiquemos por um tempo.

Ela sorriu como se entendesse, embora ele duvidasse que ela soubesse que as festividades provavelmente se arrastariam por uma semana.

— Eu tenho mais deveres de qualquer maneira, — disse ela quando a mãe dele e Inga se levantaram de seus lugares.

Sua esposa sorridente percorreu o refeitório com seus novos parentes femininos, servindo hidromel a seus

convidados. Ela olhava para ele de vez em quando, obviamente ciente daqueles olhos nela.

Ele lambeu os lábios, saboreando novamente o hidromel que ela ofereceu do cálice amoroso. Impaciente para provar os sucos doces de seu lugar mais íntimo o fez rosnar profundamente em sua garganta. Ele nunca teve a vontade de colocar a boca em uma mulher antes, agora a ideia o consumia.

Seu pai garantiu que as delícias de mel, entre as pernas de uma mulher deveriam ser saboreadas e derramavam combustível no fogo.

TESTEMUNHAS

ROSWITHA GOSTOU DA dança e da alegria. Seus convidados estavam claramente felizes por eles e queriam que ela soubesse que foi aceita. Até o wrestling[12] era divertido de assistir. No entanto, duas horas ouvindo o que Wulfram chamava de *insultos* e *histórias mentirosas* tornaram-se tediosas, uma vez que ela mal entendeu uma palavra da brincadeira evidentemente hilária.

Até mesmo o riso saudável de seu marido diminuiu com o passar do tempo e os *insultos* tornaram-se cada vez mais irreverentes.

Ela estava abafando outro bocejo quando ele se inclinou perto de sua orelha.

— É hora de dormir, — ele sussurrou sedutoramente. — Calmamente, — ele avisou, inclinando a cabeça para os celebrantes indisciplinados.

Evidentemente, eles não se levantaram com calma suficiente. Um silêncio caiu sobre a multidão enquanto as cabeças giravam na direção deles. O coração de Roswitha disparou quando o irmão de Inga e o pai de Wulfram se apressaram para içar seu marido sobre os ombros. Ele revirou os olhos e riu enquanto eles o levavam pelo corredor.

As pessoas batiam palmas e cantavam em uníssono. Ela não entendeu as palavras, mas a intenção vigorosa da música era clara, e ela também estava logo batendo palmas e rindo junto com todo mundo.

Momentos depois, Audra tocou o braço dela.

— A noiva deve ser levada para a câmara de noivas primeiro, — disse ela.

O calor subiu em seu rosto quando um sorridente Sandor a convidou para sentar em uma cadeira, então ele e um amigo a ergueram e a carregaram para fora do corredor.

Agarrou os braços da poltrona elaboradamente esculpidos e respirou fundo enquanto a levavam à alcova de Wulfram pela primeira vez.

Ela não sabia porque o tamanho da enorme cama imediatamente chamou sua atenção. Era um espaço masculino, decorado com armas e peles de animais. No entanto, ela suspeitava da boa mão de Audra por trás da adição de um grande armário que estava aberto para revelar vestidos, capas, sapatos e outras parafernálias femininas, aparentemente o enxoval dela.

Ela balbuciou graças a mãe dele pelo casamento quando Shella removeu a coroa e rapidamente despojou-a da elegância do casamento. Ela foi convidada a entrar em uma banheira rasa de água morna, após o que a empregada a limpou com o mesmo sabonete perfumado de lavanda da casa de banho. Depois que ela foi secada, Audra puxou uma camisola pela cabeça dela. Roswitha passou o dedo pelas delicadas placas douradas costuradas ao longo do decote e

das mangas. Figuras foram gravadas nelas, obviamente, um macho e uma fêmea nus.

— Eles descrevem Freyr e sua união com Gerd — explicou Inga, pegando a mão dela e levando-a à cama.

Ela usou o banquinho para subir e se permitiu ficar entre as roupas de cama.

Audra colocou a coroa de volta na cabeça no momento em que uma comoção no corredor chamou sua atenção.

— Período perfeito, — disse Inga.

Sentindo-se como a rainha de Jomsborg, Roswitha prendeu a respiração quando a porta se abriu e um Wulfram de rosto vermelho foi levado à câmara.



ENQUANTO vivesse, Wulfram jamais esqueceria a visão de Roswitha sentada em sua cama, corando profusamente, parecendo uma rainha com seus cabelos lustrosos e a coroa de joias. Ele realmente não precisava da ajuda de Sandor e dos outros homens casados que já haviam começado o processo de despi-lo.

No entanto, ele seria considerado grosseiro se ele negasse a diversão deles. Eles tiraram a túnica, camisa e calças, jogando-as onde quer que pudessem aterrissar.

Ele observou Roswitha. No começo, ela manteve os olhos fixos nos lençóis da cama. Quando as risadas e a provocação ficaram mais altas, sua curiosidade aparentemente superou a timidez e ela olhou no momento exato em que o último de seus trajes foi retirado.

Ela separou os lábios, piscando rapidamente.

Ele havia ficado duro desde que ele a viu pela primeira vez no bosque e não havia nenhum ponto escondendo a excitação dele. Os gritos e gargalhadas alcançaram um crescendo quando ele abriu os braços.

Ele foi à cama, puxou a roupa até a cintura, pegou a mão trêmula dela e esperou que as formalidades terminassem.

Seu pai pediu calma.

— Declaro orgulhosamente perante estas testemunhas que este noivo é meu filho, Wulfram Sigmarsen.

Mais torcida.

Em seguida, Sandor falou, quando o tumulto diminuiu.

Declaro perante estas testemunhas que esta noiva é a donzela Roswitha de Pershore que eu conheci na Inglaterra.

— Não por muito mais tempo, — alguém brincou, causando mais risos.

Esta foi a deixa de Wulfram para remover a coroa de Roswitha, o último vestígio de sua antiga vida, exceto uma.



QUANDO SANDOR ATESTOU sua identidade, Roswitha sentiu-se tentada a negar. Ela certamente não era a Roswitha que suportara o aguilhão de urtigas enquanto trabalhava para ajudar Kennald com seu ofício; aquela que se preocupava com impostos e cobradores de impostos; a garota que chorou por uma mãe morta e viveu com medo de um padrasto malvado. O futuro para Roswitha de Pershore possuia poucas promessas.

E, no entanto, ela era a mesma Roswitha que defendeu Delwyn quando os outros olhavam para ele como um objeto de ridículo. Apesar das dificuldades da vida em Pershore, ela sempre se manteve esperançosa de que, algum dia, as coisas ficariam melhores.

E elas ficaram! Ajudar Wulfram em seus esforços para salvar o povo de Worcester precisara de uma coragem que ela não sabia que possuía. De fato, ele a ajudou a descobrir muitas coisas sobre si mesma, inclusive que ela era uma devassa que mal podia esperar para desfrutar das prometidas delícias da união sexual com o homem nu que acabara de tirar sua coroa.

Como a turbulenta multidão de simpatizantes deixou a câmara por insistência dopai dele, ela fez uma silenciosa

oração de agradecimento pelas mudanças que a época natalina havia realizado em sua vida.

Ela era Roswitha de Jomsborg agora, uma mulher determinada a conceder a Wulfram Sigmarsen os presentes que ele tanto merecia.

FIM

Notas

[←1]

Aetheling. *Æ*theling era um termo inglês antigo usado na Inglaterra anglo-saxônica para designar príncipes da dinastia real que eram elegíveis para a realeza.

[←2]

Yuletide” também conhecido como “Christmastide” ou “Twelvetide”, ou mais comum, "Christmas Season", é o nome dado ao período de festividades relacionado ao Natal.

[←3]

Pik - Dialeto nórdico antigo quer dizer pênis, falo.

[←4]

søsyge - Doença causada pela movimentação durante viagens, enjoo.

[←5]

Dodeka - Alta guarda real composta por doze soldados que defendiam o rei Canuto.

[←6]

Já - sim em nórdico

[←7]
Fader - pai em nórdico

[←8]

Krans - coroa

[←9]

Festa de Epifânia- No cristianismo ocidental, esta festa lembra primariamente a visita dos Três Reis Magos, enquanto no Oriente lembra o batismo de Jesus.

[←10]

Frigga é a Deusa-Mãe da dinastia de Aesir na mitologia nórdica. Esposa de Odin e madrasta de Thor e mãe adotiva de Loki é a deusa da fertilidade, do amor e da união.

[←11]

Haus -casa

[←12]

Wrestling é uma palavra inglesa, que possui um significado semelhante a "luta livre", na língua portuguesa. É caracterizada como sendo um estilo de luta livre americana, onde os lutadores competem sem o auxílio de armas.